

ENTREVISTAS Dill • Magno Alves • Júnior • Márcio Santos

PLACAR



www.placar.com.br



Bate, Rogério, bate!

Um goleiro que faz gols, usa ternos, não tem papas na língua nem gosta de pagode? O craque da Seleção é uma figura, mesmo...

Nº 1170 DEZEMBRO DE 2000
ISSN 0104-1752
9 770104 176000
FOTO RICARDO CORRÊA

URUBUS DA FIEL As trapalhadas da mais famosa torcida corintiana
TOCA DAS RAPOSAS Por que o Cruzeiro de Felipão ganha tanto



5 capas e uma revista

O futebol brasileiro informa: sai bola, entra CPI. Sai Romário, entra o contrato da Nike. Nenhum alto-falante anunciou isso, mas é o que parece para quem lê os jornais. É claro que há muita sacanagem para apurar. Também é evidente que as CPIs do futebol podem denunciar dirigentes corruptos. PLACAR não despreza o tema, tanto que destrinchou a CPI em uma esperta ilustração feita pelo infografista Mário Kanno na página 74 e em um artigo escrito pelo jornalista André Rizek na página 98.

Só que a bola segue rolando, o Campeonato Brasileiro pegou no tranco, tem gente brilhando, há torcidas felizes e com a certeza de que o futebol não acabou. Esse é o tema central de uma edição que tem cinco capas distintas (*acima*), para diferentes regiões do país. Rogério Ceni, Roger, Lúcio, Ricardinho e Bosco não são os personagens dessas capas por acaso. Rogério é um goleiro incomum, marca gols, toca guitarra, fala coisas surpreendentes. Roger é o símbolo de um Fluminense que voltou a ser grande. Lúcio é a cara do guerreiro Internacional que fez bonito no Brasileiro. E por que Ricardinho foi escolhido para representar um Cruzeiro vencedor? Simplesmente por que o volante pode se tornar o maior levantador de taças da história do clube. Já o goleiro Bosco é Seleção, alma do ótimo time do Sport.

Escolher os personagens foi fácil, duro foi levar a turma para fotografar no estúdio. Rogério Ceni só conseguiu um buraco em sua agenda perto da meia-noite. Lúcio passou na escola da filha e arrastou Victória para ver o pai virar capa. Em Belo Horizonte, o toque infantil da sessão foi dado por Mariana, filha do fotógrafo atleticano Eugênio Sávio que clicou Ricardinho. Em meio a uma série de viagens do Sport, Bosco conseguiu um tempinho para a foto. Mas desenvolvimento mesmo estava o meia Roger. Tanta animação quase custa caro. Entre uma micagem e outra, Roger escorregou e desabou no chão. Já pensou se ele desfalca o Fluminense por uma coisa dessas?

SÉRGIO XAVIER FILHO, DIRETOR DE REDAÇÃO



Roger, em uma micagem especial para PLACAR: escorregão e tombo



O fotógrafo Eugênio Sávio e a filha Mariana no papel de zagueira: nem Ricardinho marcaria tão bem



Rogério Ceni, clicado pelo editor de fotografia Ricardo Corrêa: sessão coruja em São Paulo



O fotógrafo Édison Vara controla a luz para Lúcio e a filha Victória em Porto Alegre



Em Recife, o fotógrafo Léo Caldas improvisa um estúdio para a capa do goleiro Bosco

perfil

É o melhor q

Ponte que partiu!

Rogério Ceni posa para PLACAR no estúdio, mas só depois de secar os adversários do Tricolor no radinho do carro: curtindo o melhor momento



oleiro do Brasil

Essa é a versão publicável do grito da torcida do São Paulo para seu maior ídolo. O estilo polêmico de Rogério, o que bate falta, dá palpite em tudo, veste terno e despreza pagode, casou em cheio com o do técnico Leão, da Seleção. Sorte dele

POR ARNALDO RIBEIRO



"Gosto de me vestir bem. É como bater falta. Não uso para aparecer. Me sinto bem."

Morumbi, 15 de novembro. A Seleção acabara de vencer a Colômbia no sufoco, com um gol no finzinho. Os jogadores, quase todos achincalhados pela torcida durante o jogo, dirigem-se cabisbaixos e rapidamente aos vestiários. Com exceção de um deles, justamente o que estava mais próximo da saída. Em vez de dar três passos, virar-se e sumir no túnel do estádio, ele percorre o caminho inverso. Faz questão de cumprimentar todos os integrantes do time pelo resultado; um a

tar do seu jeito, acaba percebendo que ele é companheiro, sincero, tem uma liderança natural e faz tudo pelo bem do time", afirma Alencar, reserva de Rogério no São Paulo.

Segundo o técnico Paulo César Carpegiani, que trabalhou com ele no Morumbi e fixou-o como capitão, o goleiro conquista os colegas de time porque luta por eles com os dirigentes, por prêmios, renovações de contrato etc. "Ele é respeitado e admirado." No São Paulo, ainda mais depois da saída de Raí, só dá ele. "Não me considero uma referência. Apenas converso, mas

Caldeirão do Ceni

"Quanto mais burro o jogador, melhor para ele mesmo. Quanto menor a capacidade de analisar as coisas, de emitir opinião própria sobre o que está acontecendo, melhor. Ele se mete em menos problemas."

PLACAR, janeiro de 1999

"Usei gravador em entrevista. Você fala uma coisa e o cara bota outra no jornal. Até provar o contrário, 100 mil pessoas já leram. Desceram o cacete, me chamaram de cacique Juruna."

PLACAR, janeiro de 1999

"Ou gostam de mim ou me odeiam. Não me importo."

PLACAR, janeiro de 1999

"Não fossem os dois gols que levei, diria que foi a melhor atuação de um goleiro da Seleção Brasileira nos últimos tempos."

Jornal do Brasil, abril de 1999, depois do empate em 2 x 2 com o Barcelona

"Sou um dos melhores goleiros do país e não é um amistoso num dia de chuva que vai me abater."

PLACAR, junho de 1999

um, incluindo os reservas. Demora um pouco mais no abraço a Rivaldo, o mais vaiado e xingado pela massa. Diz no ouvido do camisa 10: "Para mim, você ainda é o melhor do mundo."

Rogério Ceni não conquistou Leão com esse gesto. Isso já havia acontecido antes. Ele só não foi o capitão do time contra os colombianos porque o treinador resolveu homenagear o lateral Cafu, que completava cem jogos com a camisa amarela. De referência no São Paulo, Rogério tornou-se o maior candidato a símbolo da nova era que se inicia na Seleção.

Leão talvez se veja em Rogério. Também pudera. Ele é goleiro, tem liderança, fala o que pensa, põe o dedo na ferida, é vaidoso, preserva ao máximo a vida pessoal e também tem uma mulher psicóloga. Rogério é o Leão de hoje.

Se o seu estilo não se encaixava com o de Wanderley Luxemburgo, agora o papo é outro. "No futebol brasileiro, quem emite opiniões e discorda da maioria fica tachado como polêmico. É o meu caso e o do Leão", diz.

Rogério difere do padrão usual do jogador de futebol e, quem sabe por isso, desperte raiva nos torcedores e até nos atletas adversários. "Quando eu jogava no interior, via as entrevistas do Rogério na TV e vários colegas de time diziam que aquilo era arrogância, máscara. Mas quem convive com ele, mesmo se não gos-

sem querer impor nada. O maior exemplo de liderança é ter o seu espaço e dar espaço para todos se expressarem. Nunca você vai ter ascendência sobre todo mundo", diz Rogério, que estudou até o terceiro ano colegial, mas acabou não concluindo o segundo grau.

Se não é tão fácil cativar os colegas, Rogério não precisa se esforçar para ganhar a torcida do clube que defende há uma década e por quem já jogou 317 partidas (até o jogo com o Vasco, o último pela fase de classificação da Copa João Havelange). Ele é idolatrado pelos são-paulinos. Talvez porque aja muitas vezes como torcedor. Quando a equipe perde, fica emburrado. Chega a perder a fome, até o sono. Evita sair. Se precisa ir ao supermercado, vai de madrugada, quando não tem ninguém para importunar.

No dia da sessão de fotos para PLACAR, chegou ao estúdio, pouco antes da meia-noite, ouvindo um radinho e secando os adversários diretos do São Paulo, que guerreavam por uma vaga na JH. Chegou a desligar o rádio, por puro nervosismo, quando o Santos empatou o jogo com o Guarani, ameaçando a noite que seria toda tricolor. Rogério só relaxou quando a rodada terminou e seu time conseguiu a classificação sem entrar em campo.

O goleiro também faz questão de ser atencioso com os fãs, quando dá um autógrafo ou

O número 1 de Leão: contra a Colômbia, ele berrou, bateu falta e só não foi o capitão pela homenagem a Cafu

posa para uma foto. "Toda pessoa pública passa uma imagem que influencia as pessoas. Uma atitude errada sua repercute e muito. Seus admiradores podem imitar o que você fez."

Não por acaso, Rogério é extremamente cuidadoso quando dá uma entrevista. Fica com um pé atrás. Tempos atrás, chegou a usar até um gravador próprio. Segundo ele, era uma garantia para que não distorcessem suas palavras.

O goleiro da Seleção não gosta de críticas. Respeita apenas os comentários de ex-jogadores, como Neto, Júnior, Casagrande, Falcão e o

e namora há nove anos com a psicóloga Sandra. Música e vídeo são as coisas que ele mais curte fora esportes. Sim, no plural, já que Rogério é vidrado também em tênis e vôlei.

Mas, mais uma vez, ele foge do lugar-comum. Em vez de pagode, curte tango e rock. Tem mais de uma guitarra e diz que sabe tirar as notas básicas de alguns sons das bandas Pink Floyd e Dire Straits. Quando posou com a guitarra,

"Admito que tenho um gosto musical diferenciado."

O Estado de S. Paulo, março de 2000

"É gostoso pegar o jornal e ler elogios, ver as notas altas."

O Estado de S. Paulo, setembro de 2000

"Já vi muitos repórteres jogarem bola no CT. Só dão de canela. Como podem dar uma nota?"

O Estado de S. Paulo, novembro de 2000

"O terceiro gol foi uma bola que normalmente não dá para soltar. O time não foi bem e eu também não. Os erros são importantes para o aprendizado."

Lance!, novembro de 2000, sobre as falhas na derrota de 3 x 1 para o Juventude

ex-goleiro Raul. "São pessoas que jogaram futebol, que sabem das dificuldades, dos buracos no gramado, da curva da bola, do sol na cara, dos refletores te atrapalhando", diz. "Gosto muito de ler jornal, mas pulo o caderno de esportes. Já vi muitos repórteres jogando bola no CT do São Paulo e os caras só dão de canela, não sabem dominar uma bola. Como é que podem te dar uma nota? E são esses caras que estão te julgando, direcionando a opinião de 500 mil pessoas. Não posso ser julgado por alguém sem referência."

Esse ainda é o Rogério polêmico, notório pelas frases de impacto (veja quadro). Com o tempo, porém, ele tem procurado se controlar. Quem o ouviu analisando, ou melhor, ignorando as falhas cometidas no amistoso da Seleção contra o Barcelona, em 1999, e recentemente, comentando os erros na derrota para o Juventude, percebe que algo está mudando. "Aprendi a falar menos e guardar opiniões."

Impaciência mesmo, Rogério ainda demonstra quando perguntam o modelo do carro dele e o seu endereço. "A minha casa é o único lugar onde tenho privacidade e lá só os meus amigos entram. O carro é para o meu conforto e da minha família e não interessa qual o modelo."

Bom. Rogério tem um BMW, mora num apartamento próximo ao estádio do Morumbi

tocou com precisão os acordes de "Wish you were here", do Floyd, e "Walk of life", do Straits. Nos raros momentos de folga, se manda para a casa de praia em Bertioga, mas gosta mesmo é de passar as férias na fazenda do pai, em Sinop (MT), pescando.

Outra característica marcante do goleiro é a vaidade. Dentro de campo, camisas personalizadas. Fora dele, terno e gravata para ir aos programas de televisão. Fotos de perfil? Nem pensar. Ressaltam o narigão. Pior que isso, só os cabelos, que estão rareando. Rogério chegou a tomar o medicamento Propecia para brecar a queda.

Aos 27 anos, ele pretende jogar mais uns cinco ou seis. Depois disso, nada de ser técnico ou algo do tipo. Pensando no futuro, vai retomar o curso de inglês no ano que vem e também começará a ter aulas de espanhol. "Inglês, espanhol e computação são elementos básicos na vida de qualquer ser humano que pretenda ser alguma coisa", diz. E ele pretende, se é que já não é...



AL EXANDRE BATTIBUGLI

O rei do lê-lê-lê: rock em vez de pagode; na guitarra, Rogério toca Pink Floyd, Dire Straits, Bob Dylan...

Rogério Ceni: sem

Rogério foge aos padrões também dentro de campo. Hoje, suas cobranças de falta são tão ou mais famosas que suas defesas. Contra a Colômbia, quebrou o tabu e tentou pela primeira vez um gol pela Seleção. Quando ouviu a galera gritando o seu nome, Rogério olhou para o banco de reservas e ninguém disse não. "Foi emocionante, porque percebi que até torcedores de outros times estavam querendo que eu cobrasse." Chegou perto da bola e ninguém falou nada. Ajeitou e todo mundo continuou quieto. Bateu por cobertura e um zagueiro afastou de cabeça. A galera delirou, e ele ficou frustrado. "Se eu batesse no outro canto, o do goleiro, talvez ela tivesse entrado", afirma.



FOTOS RENATO PIZZUTTO

Foi um marco na carreira do jogador, que já contabiliza 16 gols de falta, três de pênalti (até o jogo com o Vasco, dia 19 de novembro) e, o que é mais importante, nenhum sofrido no contra-ataque. No ranking dos goleiros-artilheiros, já é o terceiro melhor da história, atrás apenas do colombiano Higuita (que fez 40, mas 36 de pênalti, e já parou de jogar) e do paraguaio Chilavert (que, aos 35 anos, fez 53, sendo que 37 de pênalti). Ou seja: Rogério fez quase tantos gols de falta quantos os dois juntos.

"No começo, eu achava uma loucura. Mas o Rogério provou pelo custo-benefício que tem condições de bater. Só tive o bom senso de reconhecer", diz o técnico Leão. O primeiro a lhe dar crédito foi Muricy Ramalho, em 1997. Na primeira cobrança, contra o Fluminense, o goleiro Léo rebateu e quase saiu o gol. Na segunda, contra o Flamengo, acertou o travesão. Contra o União São João, fez o primeiro gol, no goleiro Adinan, e não parou mais.

Comemorando o gol de falta contra o Grêmio, um dos 16 da sua carreira: no rastro de Higuita e Chilavert

Antes, só batia do lado esquerdo, próximo à área. Hoje, chuta dos dois lados e está treinando cobranças de longa distância, com mais força do que jeito. Rogério não sabe dizer se isso inibe ou instiga seus companheiros. Mas, no São Paulo, ninguém ousa contrariá-lo quando surge uma falta no campo de ataque. "Eu treino cobranças de falta também, mas não posso questionar a capacidade do Rogério, que é um grande batedor", diz o volante Fábio Simplício, do São Paulo, politicamente.

Rogério chega a treinar 50, 60 cobranças por dia, sempre nas vésperas das partidas. Quando o time joga apenas aos domingos, ele pratica faltas por, no mínimo, dois dias. Coloca a barreira mais próxima em relação à distância regu-

"Além dos treinos, ele tem um dom para bater na bola", diz o técnico Paulo César Carpegiani, que dirigiu o outro goleiro artilheiro, Chilavert, na Seleção Paraguaia. "A diferença é que o Chilavert é canhoto e costuma bater pelo lado da barreira, enquanto o Rogério bate por cima dela", diz.

Para Carpegiani, é praticamente impossível que Rogério venha a sofrer um gol no contra-ataque, quando estiver cobrando uma falta. E ele justifica: "Ficam pelo menos cinco adversários na barreira, mais dois à direita e dois à esquerda. Ou seja: são pelo menos nove protegendo o goleiro e, desta maneira, sobra um ou, às vezes, nenhum para puxar o contra-ataque enquanto o Rogério está retornando."

Os reis das faltas*

Rogério esnoba Chilavert e também está entre os que mais marcaram no Brasil em 2000

Jogador	Gols de falta
Ronaldinho Gaúcho	10
Rogério Ceni	7
Petkovic	7
Irênio	7
Ramón	6
Chilavert	4

* até 24 de novembro



Reverência: no São Paulo, os outros chegam perto, mas ninguém ousa tirar a bola dele antes da falta. Na Seleção, com Leão, foi a mesma coisa. Quando a bola bate na barreira, a ordem é parar a jogada de qualquer maneira. Vale tudo. O corintiano Marcelinho que o diga!



lamentar, para simular os passinhos a mais que os adversários dão quando o jogo é para valer. Nos treinos, o aproveitamento dele chega a ser espantoso: de cada três faltas, uma costuma entrar. Já há quem compare Rogério aos grandes batedores de linha, como Marcelinho Carioca, Ronaldinho Gaúcho e Petkovic — o melhor deles, na opinião do goleiro (veja o quadro nesta página).

Nos jogos, segundo Rogério, o sucesso de uma cobrança depende, digamos, das condições climáticas e espirituais. O ideal é um dia sem vento, chuva e em que ele, acima de tudo, esteja vestindo meias brancas, uma de suas raras, mas indispensáveis superstições. "Não me sinto bem quando estou sem meiões brancos. Não sei o motivo. Faço questão de usar", diz. Os gols de falta, contra Grêmio e Internacional, pela Copa João Havelange, ajudaram Rogério a entrar na briga pela Bola de Ouro de PLACAR este ano.

Mas, por precaução, o goleiro tem os seus cães de guarda, instruídos a matar a jogada se houver qualquer imprevisto (veja esquema ao lado). "Mesmo com tudo isso, ainda tem técnico que acha que ele não deve cobrar. Isso é coisa de cagão", diz Carpegiani.

Mário Sérgio, o único técnico a proibir as cobranças de falta de Rogério no São Paulo, vestiu a carapuça, mas logo trata de explicar-se. "Eu acho que o Rogério acaba provocando uma tensão desnecessária no torcedor e nos colegas ao ir cobrar uma falta. Fica todo mundo com medo de que aconteça um revés", diz. "Acima de tudo, eu acho que é um risco que ele corre como profissional. Tenho certeza que, se ele tomar um gol num contra-ataque um dia, isso ficará muito mais marcado que todos os gols de falta que ele fez até agora na carreira." Rogério, democraticamente, discorda. "Fiz gol até numa decisão, contra o Santos. Acho que tenho crédito suficiente." Tem mesmo.

Esquema guarda-costas



Assim Rogério protege a sua meta quando cobra uma falta no campo de ataque. Se der chabu, Gustavo e Souza estão instruídos a matar a jogada. Se a bola passar dali, Alexandre e Simplício é que devem parar o adversário. Rogério Pinheiro fica na grande área, preparado para um eventual chutão de longa distância

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ